UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ravena Brazil Vinter

Orientadora: Profª. Drª. Maria Amélia Dalvi

Trabalho pedagógico e formação de leitores a partir de adaptações literárias no contexto de uma escola pública estadual

PINHEIROS/ES
2016

HdWallpapersO

Motivação inicial

- O interesse em investigar como são as relações entre livros e leitores a partir de diferentes versões de adaptações literárias da obra *O cortiço* na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio "Angélica Paixão" surgiu a partir de algumas inquietações.

- ✓ Existência de adaptações literárias no mercado editorial que são, inclusive, distribuídas nas escolas pelo PNBE (como uma das obras de nosso *corpus*);
- ✓ Notas editoriais que justificam as edições adaptadas com a fala de que essas obras teriam relevância na formação do leitor literário;
- ✓ Confronto entre o discurso da decadência da leitura entre os jovens do século XXI e nossa observação que indica, ao que parece, que os jovens têm práticas de leitura diferentes das representações de leitor elaboradas pelo senso comum.

Notas editoriais

O Cortiço

- Em nota, a equipe editorial diz aos leitores que o texto foi especialmente preparado para eles e traz a observação de que “o texto original foi reduzido em tamanho e a linguagem foi adaptada para um público específico, o de neoleitores, segundo critérios linguísticos (...) e literários (...) que visam oferecer uma narrativa fluente, acessível e de qualidade”.

Auto da Barca do Inferno

- Em nota, a equipe editorial fala da importância em se poder contar com obras de altíssima qualidade como esta em questão e justifica a manutenção da linguagem original de 1517 para que o leitor reconheça o “universo vicentino” sem nenhuma “facilitação”

Intencionalidade

Questões de investigação

- ✓ Como se dá a apropriação do texto integral e das diversas adaptações de uma obra pelos estudantes?
- ✓ Os textos adaptados despertam no leitor o desejo de conhecer o texto integral?
- ✓ Como os alunos mobilizam meios para (não) realizar as leituras propostas pelo currículo escolar?

Objetivos

- **Objetivo Geral**

✓ Investigar, no contexto da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio "Angélica Paixão", situada em Guarapari - ES, como são as relações entre livros e leitores a partir de diferentes tipos de adaptações literárias da obra *O cortiço* por meio das contribuições teóricas e metodológicas da Nova História Cultural.

- **Objetivos Específicos**

✓ Compreender como se figuram os leitores da escola campo;

✓ Coletar impressões das apropriações de tais leituras frente às versões de uma obra adaptada;

✓ Pensar as relações entre livro, leitor e leitura entre alunos do Ensino Médio;

Sujeitos da pesquisa e *Corpus*

- ✓ Os sujeitos da pesquisa foram noventa e dois alunos que responderam ao questionário aplicado e sete alunos que integraram o grupo focal. Para o grupo, selecionamos mediante resposta do questionário:
- Três alunos indicados como mediadores de leitura;
- Três alunos que se consideram leitores;
- Três alunos não leitores.

*Dois participantes não compareceram ao encontro do grupo focal.

- ✓ *O Cortiço* do autor Aluísio Azevedo, um romance em três versões, a saber:

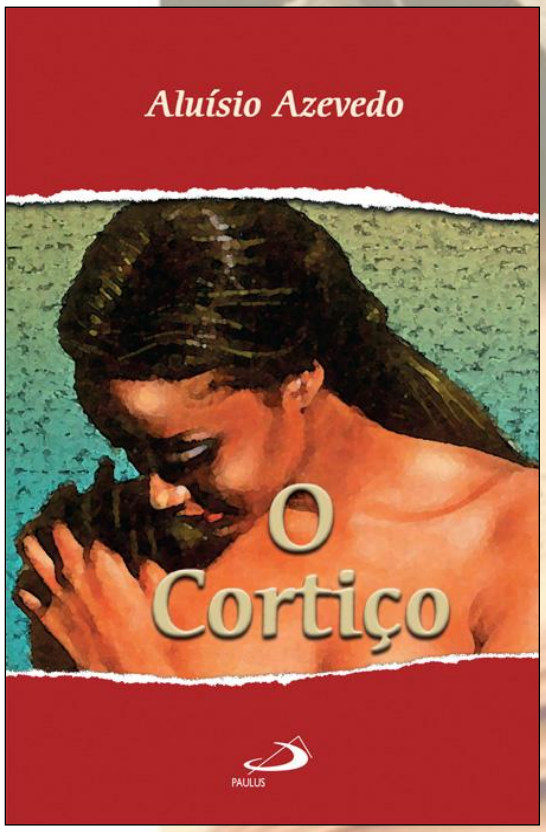
a) versão adaptada por Fabio Pinto para a coleção "É só o começo" (2009) – distribuída pelo SESI em 2009;

b) adaptação em história em quadrinhos feita por Ivan Jaf e Rodrigo Rosa (2010) – distribuída pelo PNBE 2011;

c) versão com texto integral (2014);

O cortiço – texto integral

- 23 capítulos;
- Lançado inicialmente em 1890;
- Linguagem complexa para alguns;
- Autor: Aluísio Azevedo;
- 1ª edição/4ª reimpressão de *O cortiço* da editora Paulus (2014).



Processo de Adaptação

- “Nenhum texto é inteiramente original, porque a própria linguagem, na sua essência, já é uma tradução: primeiro, do mundo não-verbal e, depois, porque cada signo e cada frase traduzem outro signo e outra frase. Mas esse raciocínio pode ser invertido sem perder validade: todos os textos são originais porque cada tradução é diferente. Cada tradução é, até certo ponto, uma invenção, e assim constitui um texto único (PAZ, 1991, p. 150)”.

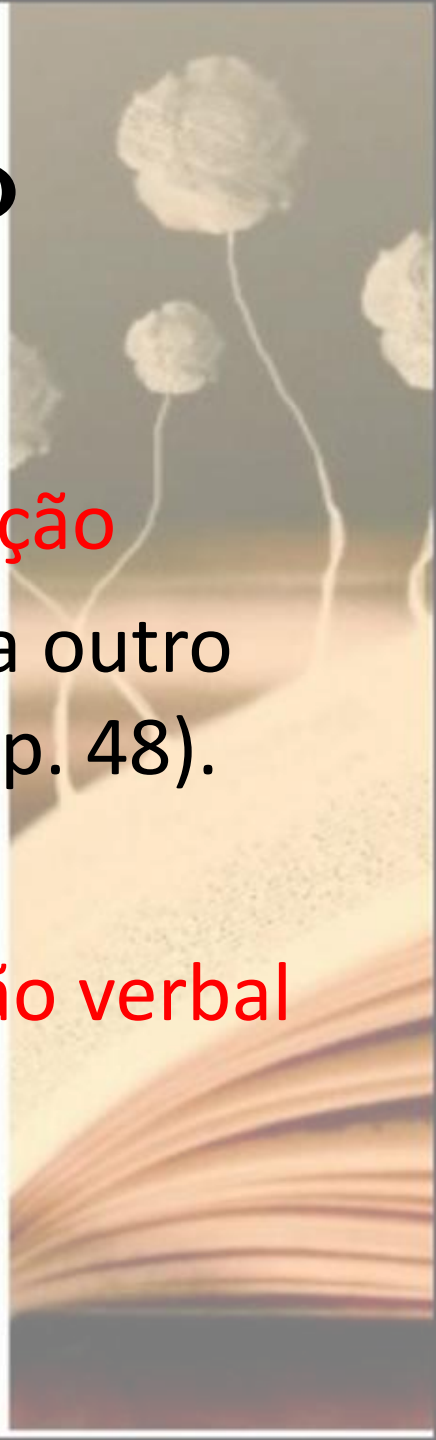
Processo de Adaptação

Reescrita/Refacção = Retextualização

"Movimento de um texto escrito para outro texto escrito" (MARCUSCHI, 2007, p. 48).

Linguagem intersemiótica = verbal + não verbal

(JAKOBSON, 2011).

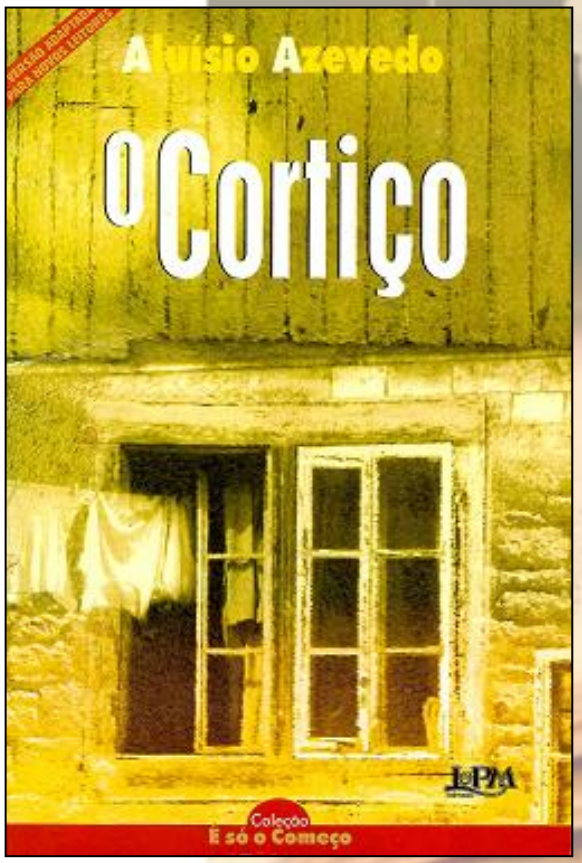


Processo de adaptação

"Tanto na tradução interlingual quanto na transposição intersemiótica o sentido atribuído ao texto original, seja ele poema ou pintura, é o resultado de uma interpretação" (CLÜVER, 2006, p.117).

O cortiço – "É só o Começo"

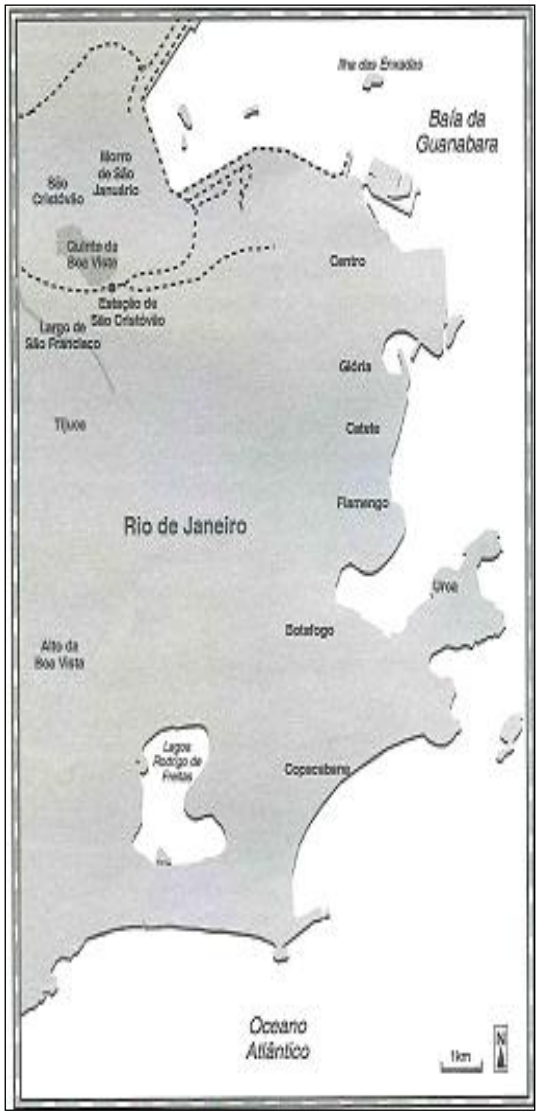
- 15 capítulos;
- Baseado na versão integral;
- Texto original reduzido;
- Objetiva oferecer a um leitor "menos habilitado" ou "menos experiente" "a oportunidade concreta de ler clássicos da literatura" (FISCHER, 2009, p.12);
- Editora LP&M (2009);
- Adaptador: Fábio Pinto;
- Processo de adaptação em três etapas
- Indicado para jovens e adolescentes do 7º ano do EF ao 3º ano do EM.



Nota ao leitor

- O texto que você vai ler foi adaptado numa linguagem simples, para você ler com mais facilidade. Para ajudar, aparecem ao longo do texto algumas notas históricas, geográficas e culturais. Você também vai encontrar, depois da narração, ideias para pensar, conversar, debater, escrever. E ainda sugestões de outras leituras, de filmes e até de sites na internet.

Mapa e exemplo de nota histórica/cultural



Uma semana depois, ele apareceu com uma **carta de alforria** e leu em voz alta para a companheira. O que Bertoleza não sabia é que o próprio João Romão tinha escrito a carta, que era falsa. O verdadeiro dono de Bertoleza imaginava que ela tinha fugido para a Bahia depois da morte daquele antigo namorado. Mesmo assim, João só ficou tranqüilo depois de três meses, quando ficou sabendo que o velho cego tinha morrido. Os filhos do velho certamente não iam lembrar de procurar uma escrava que eles não viam fazia muitos anos.

Carta de alforria: os escravos podiam ser libertados oficialmente, comprando sua liberdade (pagavam ao dono o valor que tinha sido pago por eles). A carta era o documento da libertação.

Fonte: Arquivo da autora (2016).

Versão integral x *O cortiço* da coleção "É só o começo"

Texto integral (p. 9)

"Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, (...)"

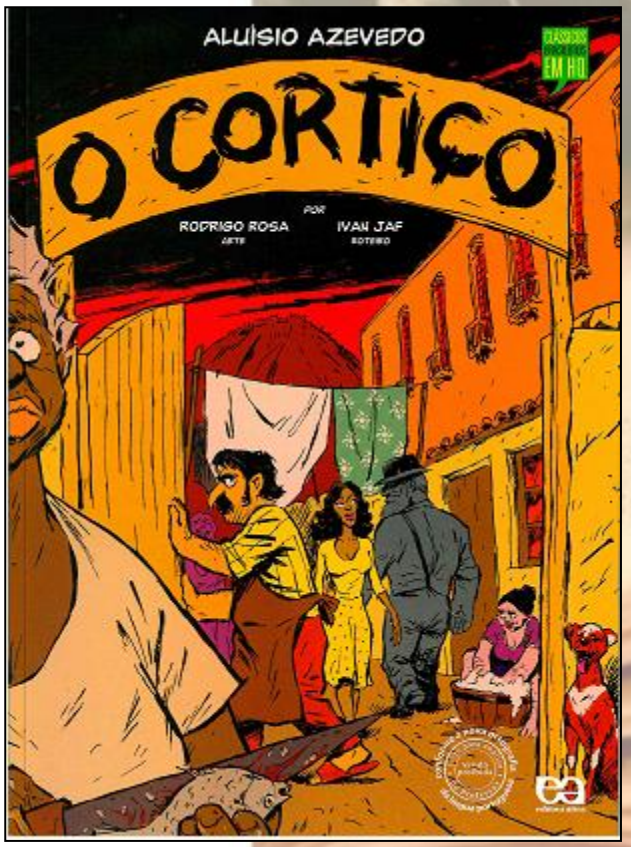
Adaptação (p. 10, 11)

"Sem parar de trabalhar, junto com Bertoleza, nem aos domingos, nem nos dias santos, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, (...)",

- Mudança vocabular de "sempre em mangas de camisa" por "sem parar de trabalhar" acrescida de uma informação – "junto com Bertoleza" – que não estava no texto integral;
- Substituição do vocábulo "sem" pela palavra "nem" é feita causando uma repetição da mesma; e por fim, a omissão do termo "assenhorear do alheio".

O cortiço - HQ

- Editora Ática 2010 – PNBE 2011;
- Texto de Ivan Jaf e arte de Rodrigo Rosa – produção envolve roteirista e diagramador;
- Linguagem verbal e não verbal;
- Importância em se conhecer a fundo a obra a ser adaptada e compreender as intenções do autor do texto "original", observação de cenários e comportamentos por Jaf e Rosa.



Roteiro de produção da HQ

Roteiro de Ivan Jaf (para os quadrinhos centrais da página 47):

Quatro quadros. Uma legenda só.

João bem vestido, aprendendo a dançar.

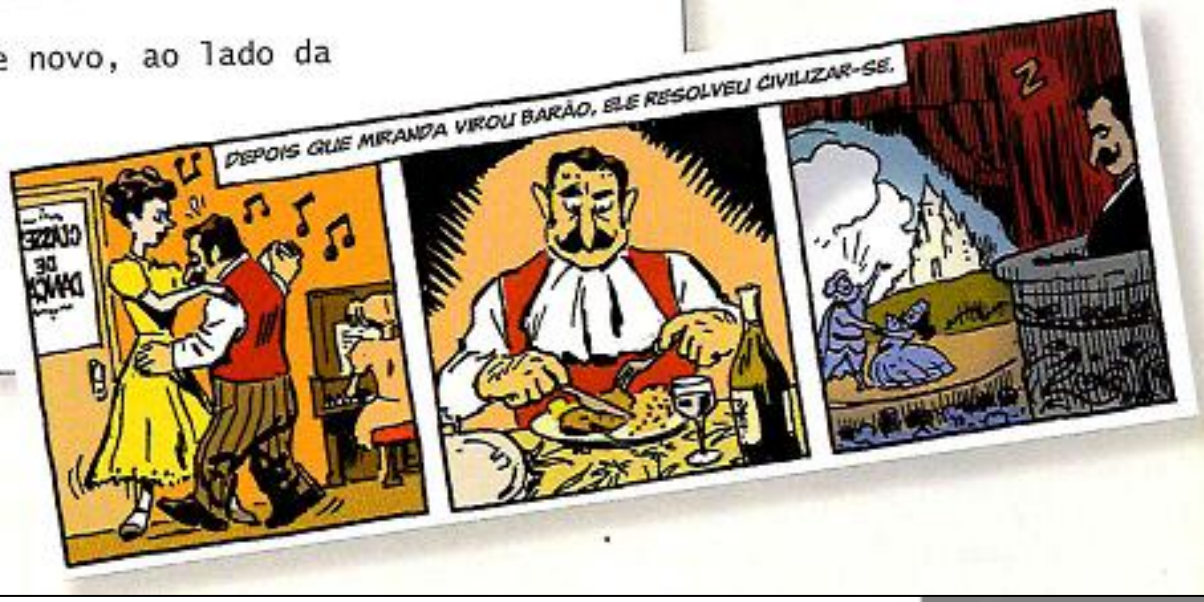
João comendo numa mesa da venda, com guardanapo, toalha, copos finos e vinho de rótulo.

João saindo do teatro São Pedro.

Um chuveiro, aspecto de novo, ao lado da privada velha e suja.

Legenda: DEPOIS QUE MIRANDA VIROU BARÃO, ELE RESOLVEU CIVILIZAR-SE.

Desenhos finalizados de Rodrigo Rosa:



Versão integral X HQ

"O vendeiro, ao passar por detrás de Florinda, que no momento apanhava roupa no chão, ferrou-lhe uma palmada na parte do corpo então mais em evidência"
(AZEVEDO, 2014, p.42)

Mudança no acabamento da Ilustração

Aporte teórico

- Livro e leitura no contexto brasileiro: Regina Zilberman (1999, 2013), Márcia Abreu (2001), Edmir Perrotti (1999) e João Wanderlei Geraldi (2010).
- Educação literária: Annie Rouxel (2013), Maria Amélia Dalvi (2012, 2013, 2013a) e Neide Rezende (2013).
- Práticas e representações, protocolos de leitura, apropriação: Roger Chartier (1999, 2002, 2002a, 2010, 2013, 2013a).

Produção de dados...

Guarapari - ES

Produção de dados na escola

EEEFM “Angélica Paixão”

Fonte: Acervo da autora

A leitura como prática social

- Crescimento da produção de HQ's no Brasil – Incentivo do PNBE para que as editoras apresentassem adaptações em quadrinhos a partir de obras clássicas das Literatura universal.
- "Aqueceu o mercado nacional".
- Excesso de oferta.

(RAMOS E VERGUEIRO, 2015, p. 18).

A leitura como prática social

- “Ler é ativar a possibilidade de ação sobre os textos do mundo e, portanto, sobre o próprio mundo”. Nossas leituras mostram nosso modo de ser, agir, pensar e “estar no mundo” (DALVI, 2012, p. 22).
- “Uma mera escolarização sem melhoria das condições sociais produz o paradoxo de ensinar a ler quem sabe que não terá direito a ler”(GERALDI, 2010, p. 110).

Educação literária

- ✓ No ensino médio, supostamente, o adolescente ou jovem deveria ter acesso aos “clássicos” (nacionais ou não) e, paralelamente, à literatura que corre à margem do cânone, renovando-o ou subvertendo-o, ampliando, seu repertório e refinando seu grau de compreensão e seu nível de exigência – e, noutra perspectiva, relativizando-o – como leitor (e, quem sabe, como produtor). No entanto, ele é incapaz sequer de perceber os elementos próprios aos primeiros momentos da constituição leitora – daí sua dificuldade em identificar nos textos ou fragmentos as “características” costumeiramente apontadas como próprias a tal ou qual período, autor ou estética e de perceber nuances de (auto)ironia e de humor ou retomadas parodísticas de textos “fundadores”. (DALVI, 2013, p. 74-75).

Educação Literária

Alguns problemas no Ensino Médio

- Má formação pregressa;
- Aprendizagem engessada das “escolas” literárias;
- Pouco tempo dedicado à leitura literária e à constituição do sujeito-leitor,
- Fragmentação da disciplina de língua portuguesa em gramática-literatura-produção de texto;
- Pequena carga horária destinada às aulas “de literatura”, a pressão dos exames e processos de seleção e a adoção de resumos canhestros das obras que deveriam ser lidas.

“tudo isso vem coroar uma história de “fracasso” ou “insucesso”, reiterando a ideia de que literatura é algo para gente “genial” (que consegue entender aquilo que é incompreensível para a maioria), “ociosa” (que tem tempo de ficar discutindo “o sexo dos anjos”) ou “viajante” (que fica delirando/inventando/imaginando coisas onde não há nada para ser visto/percebido)” (DALVI, 2013, p. 74-75).

Educação literária

- ✓ “No ensino médio, o confronto com a complexidade resulta primeiramente dos programas que estipulam o encontro com obras do passado. O sentimento de alteridade domina diante de textos que é preciso aprender a descobrir. Deve-se estimular a curiosidade por esses objetos estranhos cujos códigos linguísticos, éticos e estéticos são desconhecidos ou pouco conhecidos. A inventividade do professor é requisitada para elaborar um dispositivo capaz de interpelar os alunos. Relação da obra com outros objetos semióticos da mesma época – um poema, um quadro, uma música; confrontação da obra com suas adaptações contemporâneas, que funcionam também como “textos de leitores” – por exemplo, o romance de Proust, *Em busca do tempo perdido*, adaptado para quadrinhos ou para a tevê; vaivém entre uma obra do passado e sua reescrita contemporânea; leitura de um clássico em comparação com uma obra do presente que aborde a mesma problemática (...) (ROUXEL, 2013, p. 27).

Reflexões teórico-metodológicas

- ✓ Nova História Cultural: expansão no campo de trabalho do historiador. Passam a trabalhar "com uma história social que avançava para os domínios do cultural, buscando ver como as práticas e experiências, sobretudo dos homens comuns, traduziam-se em valores, ideais e conceitos sobre o mundo (PESAVENTO, 2012, p. 17).

- ✓ Pensar, sob a perspectiva de Roger Chartier, práticas de leitores fora de divisões hierarquizadas, mas em comunidades locais, a saber, na escola campo.

Alguns conceitos

- Ler, olhar ou escutar são, de fato, atitudes intelectuais que, longe de submeter o consumidor à onipotência da mensagem ideológica e/ou estética que supostamente o modela, autorizam na verdade reapropriação, desvio, desconfiança ou resistência (CHARTIER, 2002, p. 53).

Práticas

- Rompendo com a antiga ideia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único – o qual a crítica tinha a obrigação de identificar -, dirige-se às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo. Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação (CHARTIER, 2002a, p. 27, 28).

Apropriação

- A apropriação conforme define o próprio Chartier (2002) visa “uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem” (p. 68).

Em outras palavras...

- Seguindo o argumento de Chartier, também podemos compreender apropriação como uma operação de tradução de um gênero para outro (prosa para teatro, isto é, da novela para comédia e tragicomédia) como conversão de uma linguagem para outra (do texto para ser lido ao texto para ser recitado, da linguagem textual à linguagem corporal, da linguagem verbal à linguagem visual), como os efeitos suscitados pela estilização de personagens por parte de tipos sociais (mascaradas, festas cortesãs) (SCHAPOCHNIK, 2013, p. 206).

- Sem abandonar as medições e as séries, a história dos textos e dos livros deve ser, antes de mais, reconstituição das distâncias nas práticas. Logo uma história do ato de ler. Pensar deste modo as apropriações culturais permite também que não se considerem totalmente eficazes e radicalmente aculturantes os textos ou as palavras que pretendem moldar os pensamentos e as condutas. As práticas que deles se apoderam são sempre criadoras de usos ou de representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas. (CHARTIER, 2002a, p. 136).

Maneiras de ler

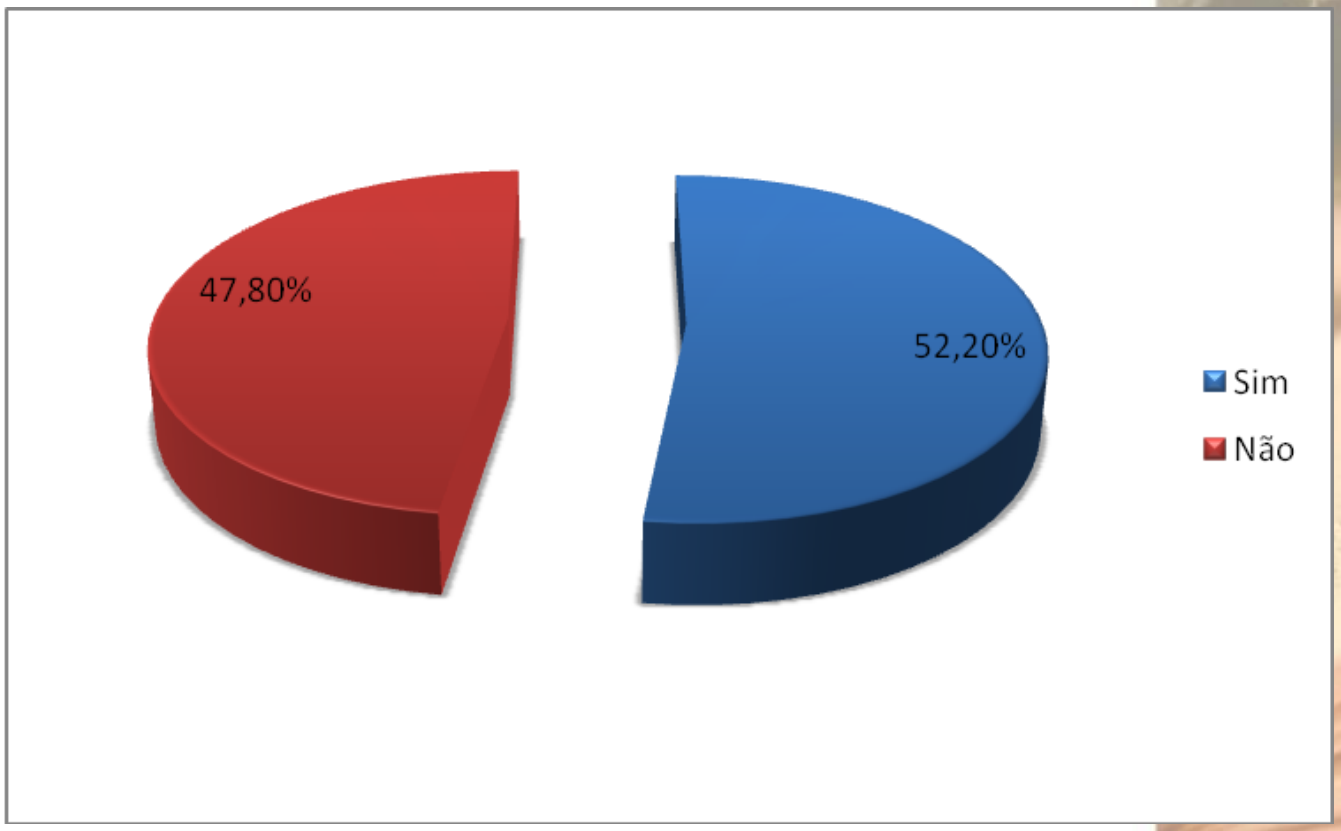
- Argumenta-se que, como o crescente número de livros tornou impossível para qualquer indivíduo ler mais que uma fração do total, os leitores reagiram inventando novas táticas, como selecionar, pular partes ou consultar o sumário ou índice para obter informações de um livro sem ter de lê-lo do começo ao fim. A ênfase sobre uma mudança súbita talvez seja exagerada, e é mais provável que os leitores usassem mais de um desses diferentes estilos de leitura, segundo o livro ou a ocasião (BURKE, 2008, p. 83).

- Chartier (1999) define as leituras desses textos em massa procurados pelos jovens como “leituras selvagens” que estão ligadas a objetos de “fraca legitimidade cultural”. Não nos cabe, entretanto, questionar se essas são ou não leituras, mas segundo o autor, devemos nos apoiar sobre essas “práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola, mas também sem dúvida por múltiplas vias, a encontrar outras leituras”. É importante, portanto utilizar o que é rejeitado pela escola tradicional para que o aluno use esses textos como suporte para leituras mais densas e “mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e de pensar” (p. 104).

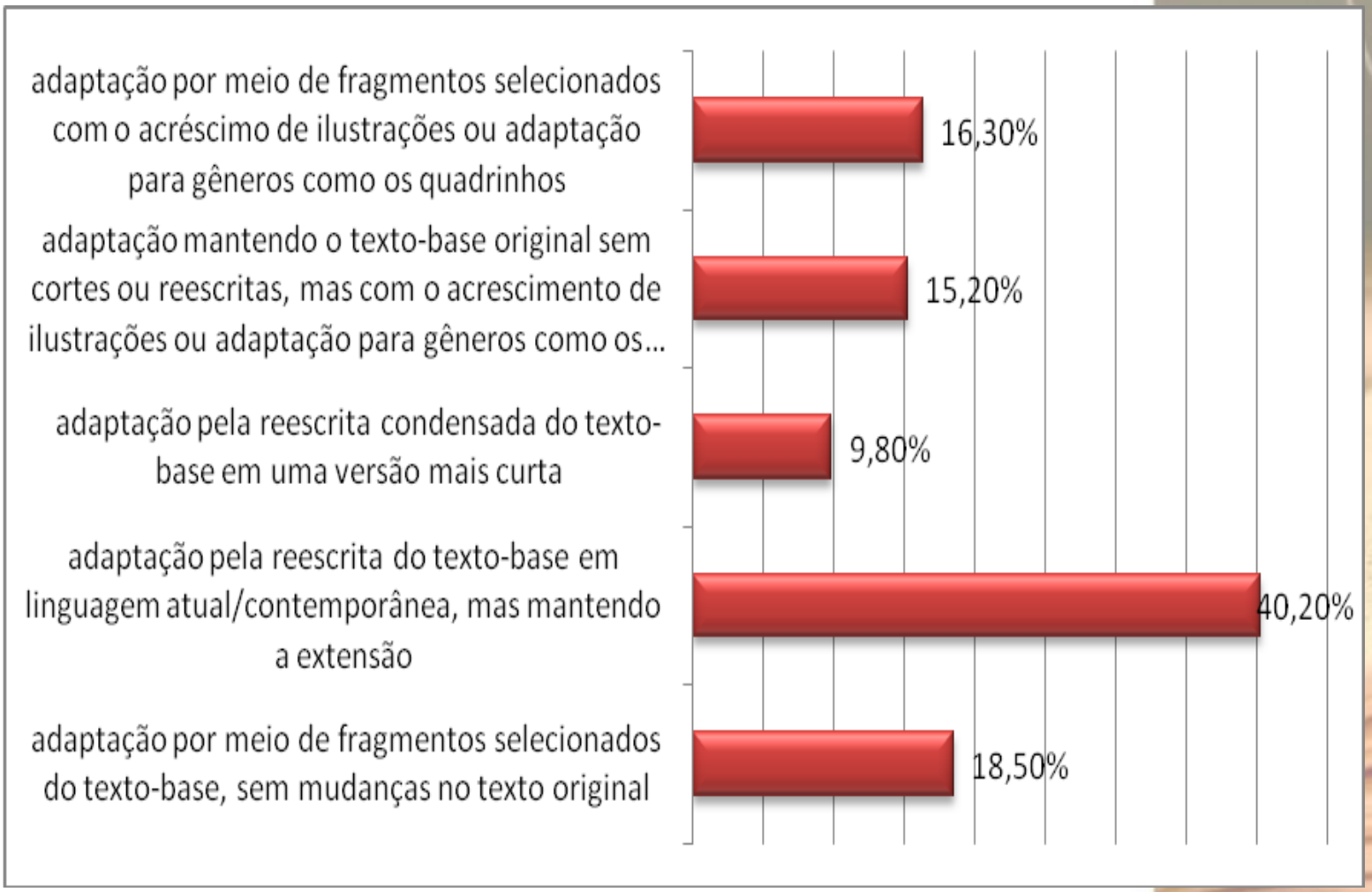
Linguagem...

“Como já havia dito, não sou muito fã dos livros de literatura, pois possui uma linguagem bem formal e exige, acima de tudo, tempo para entender os fatos e cada acontecimento. Um livro que eu comecei ler, porém achei um pouco chato "os lusíadas" realmente, sei que é um clássico, mas não é uma linguagem atual, sabe? Estamos em uma nova era, precisamos de um método informal de passar as histórias antigas para os jovens e adolescentes de hoje” (Resposta número 44 à questão 30 do questionário aplicado).

(VALTÃO) Você costuma conversar com seus amigos sobre os livros que você lê ou que eles leem?



Entre as modalidades de adaptações literárias mais frequentes, marque aquelas que mais o atraem:



Grupo focal

Adaptação *O cortiço* para a coleção "É só o começo"

Bruce e Mellie

As impressões de Bruce são diferentes da de Mellie com relação à leitura: enquanto aquele acha que o livro se mantém fiel ao "original", esta julga uma leitura muito rápida que não corresponde às suas expectativas. Ambos não tiveram dificuldades para entender o texto e afirmam terem ficado com vontade de conhecer o original para ver como é a história de verdade. Os alunos consideram – de forma geral – a adaptação em questão muito resumida.

Adaptação *O cortiço* para a coleção "É só o começo"

Bruce afirma que gostou de ler o livro; Mellie diz já ter lido livros melhores, não tendo ficado tão impressionada. Vale ressaltar que Bruce se declarou não leitor nas respostas ao questionário, já Mellie diz ser leitora o que para nós pode confirmar de um lado a preferência pelos textos curtos do primeiro e de outro lado a não satisfação com uma leitura rápida pela segunda.

Ambos, entretanto, disseram querer conhecer a versão integral a partir da adaptação.

Adaptação *O cortiço* "Clássicos em HQ"

Khell (leitor/escritor), Kira (leitora) e Daniela (não leitora)

- Khell já havia lido *O cortiço* na versão integral duas vezes. Destaca os pontos positivos da história em quadrinhos, afirmando que a materialidade da obra, conforme preconiza Chartier, é relevante, uma vez que as ilustrações são bem feitas e a linguagem bem adaptada, o que desperta a atenção e o interesse do leitor.
- Kira ressalta a importância das cores na HQ, o que chama sua atenção enquanto leitora.
- Daniela toca no ponto da interpretação prévia – feita pelo ilustrador a partir do texto integral, o que, para nós, é um fato curioso, uma vez que as diversas versões disponíveis no mercado representam um mesmo personagem de diferentes formas.

Adaptação *O cortiço* "Clássicos em HQ"

- Ponto de atenção: com a leitura da HQ, a imaginação do leitor é guiada pelas intenções do roteirista e do ilustrador, pois o que antes era uma ideia passa a ser uma imagem cuja interpretação não pode ser subtendida, desviada, moldada pelo leitor, visto que ela está na linguagem não verbal.

- A leitura da HQ não traz dificuldades de interpretação para nenhum participante e desperta interesse em conhecer a versão integral.

Adaptação *O cortiço* "Clássicos em HQ"

- "Eu, sinceramente, não achei dificuldade nenhuma durante a leitura pelo fato de que além de ser uma obra com uma leitura mais fácil para os leitores que [es]tão conhecendo a obra nos dias de hoje, ela também, qualquer lacuna que deixa aberta pelo diálogo ou pela narração é completada pela imagem, pela ilustração, tornando a leitura mais dinâmica e mais prazerosa. Acho que a HQ cumpre melhor sua função do que a edição que é só texto, acho que ela conseguiu cumprir sua tarefa de uma forma mais dinâmica, mais completa" .
- "Tanto as lavadeiras, quanto os trabalhadores da pedreira, então ele dá essa dinâmica de forma que o livro é vivo. Como na versão integral, a versão original, dá ideia de que o cortiço tem vida, então ele manteve essa ideia no quadrinho". (KHELL)

Texto integral *O cortiço*

Will (leitor) e Pietra Pasolini (mediadora de leitura)

- **Dificuldade inicial –** “Eu achei bem confuso o começo da história, porque começa a descrever um personagem e o que tá fazendo, do nada chega outro personagem às vezes para conversar e começa a descrever, depois volta ao que eles estavam fazendo. Que é a parte das lavadeiras, sempre a pessoa que estava ao lado dessa ficava descrevendo, ou ficava voltando a algum fato que aconteceu com essa pessoa, que marcou a pessoa no passado. Só que depois ao longo da história você vai se acostumando e vai entendendo o que ele quer dizer” (Pietra Pasolini).

- **Vocabulário complexo e termos em desuso**

- **Mensagem completa**

Considerações Finais

- Parece haver um consenso de que a leitura do texto adaptado é mais rápida, dinâmica, mas não passa toda a mensagem que o livro com texto integral traz. Inclusive, nos questionamentos levantados ao grupo, pudemos perceber que nossas inferências se confirmam, uma vez que muito do que é relatado na versão integral não se vê em *O cortiço* que integra a coleção "É só o começo", há muitas lacunas não preenchidas. A história em quadrinhos, embora também tenha muitas lacunas, parece ser uma versão mais completa, associando textos e imagens, auxilia uma melhor compreensão.

Considerações finais

- A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. (...). Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão (CHARTIER, 1999, p. 77).

Considerações finais

- Ler nos habilita a ações éticas porque nos ensina que um texto nunca começa na primeira página e nunca termina no ponto final: tudo o que sentimos, pensamos e fazemos é eco de outros textos (cujo enredo, por já conhecermos, nos habilita a analogias e, portanto, as escolhas mais conscientes) [...]. Não que a literatura vá nos tornar mais "bonzinhos", nem que ela nos fará escolher o "bem": ela nos mostrará os mecanismos – e consequências – da banalização do mal e da unilaterização do pensamento e da ação. Não nos tornaremos seres mais "elevados", mas menos "rasos". Não seremos mais ou menos evoluídos, seremos desconfiados de uma perspectiva linear e progressiva de humanidade e de mundo (DALVI, 2012, p. 9).

Muito obrigada por sua atenção!

Referências bibliográficas

- ALUÍSIO, Gonçalves Belo de Azevedo. **O cortiço**. Adaptação de Fabio Pinto. Porto Alegre: L&PM, 2009. (Coleção É só o Começo).
- ALUÍSIO, Gonçalves Belo de Azevedo. **O cortiço.** Ivan Jaf (roteiro); Rodrigo Rosa (ilustrações). 1.ed. São Paulo: Ática, 2010. (Clássicos Brasileiros em HQ).
- ALUÍSIO, Gonçalves Belo de Azevedo. **O cortiço.** São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Nossa Literatura).
- BURKE, P. **O que é história cultural?** 2. ed. rev. e ampl. Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CANDIDO, Antônio. **A Literatura e a formação do homem.** Ciência e cultura. São Paulo, vol. 4, n. 9, p. 803-809, 1972.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Unesp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- _____. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2010.
- _____. **A história cultural entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Portugal: Difel, 2002a.
- _____. **À beira da falésia: a História entre certezas e inquietudes.** Porto Alegre: Editora Universidade, 2002, p. 21-116.

Referências Bibliográficas

- CLÜVER, Claus. Da transposição intersemiótica. In: Arbex, Márcia (Org.). **Poéticas do visível: ensaios sobre a escrita e a imagem.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- DALVI, Maria Amélia. Ensino de Literatura: algumas contribuições. In: UYENO, Elzira; PUZZO, Mirian; RENDA, Vera (Org.). **Linguística aplicada, Linguística e Literatura:** intersecções profícuas. Campinas: Pontes, 2012, p. 15-42.
- _____. REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.). **Leitura de Literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013.
- GERALDI, João Wanderley. **A leitura e suas múltiplas faces**. In: ___ . A aula como acontecimento. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010, p.103-112.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação.** 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- ROUXEL, Annie. **Aspectos metodológicos do ensino da Literatura.** In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.). Leitura de Literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013, p. 99-112.

Referências Bibliográficas

- PAZ, Octavio. **Convergências:** ensaios sobre Arte e Literatura. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.). **Quadrinhos na Educação.** São Paulo: Contexto, 2015.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Comentário ou três questões – debate do texto "Materialidade e mobilidade dos textos. Dom Quixote entre livros, festas e cenários". In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Roger Chartier: a força das representações: História e Ficção.** Chapecó, SC: Argos, 2013.
- ZILBERMAN, Regina. **Sociedade e democratização da leitura.** In: BARZOTTO, Valdir H. (Org.) Estado de Leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999, p.31-46.